

**“EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NA ESCOLA - UMA QUESTÃO DE DIREITOS HUMANOS”**



**“Precisamos contribuir para criar a escola em que se pensa, em que se cria, em que se fala, em que se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida”  
(Paulo Freire)**

**PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL**

**5ª EDIÇÃO**

**RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Escola Municipal Thomás Meirelles**

**Título da Experiência**

**Educação Para o Trânsito na Escola - Uma Questão de Direitos Humanos**

**Autora do Projeto**

**Professora Soraya Freire de Oliveira**

**Público Alvo**

**35 Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental**

**Turno**

**Vespertino**

**Abordagem da Experiência**

**Educação para o Trânsito no contexto transversal enfocando as diferentes áreas do conhecimento**

**Duração da Experiência**

**Fevereiro de 2010 a Dezembro de 2010  
(1ª Edição)**

**Localidade**

**Área Periférica do Município de Manaus / Amazonas**

## SUMÁRIO

<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>1</b>
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>2</b>
<b>OBJETIVOS EDUCACIONAIS</b>	<b>8</b>
<b>CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA</b>	<b>8</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>9</b>
<b>CRONOGRAMA E AÇÕES DO PROJETO</b>	<b>10</b>
<b>ESPAÇOS FÍSICOS E MATERIAIS UTILIZADOS</b>	<b>10</b>
<b>PARCEIROS NO PROJETO</b>	<b>11</b>
<b>ARTICULAÇÃO COM O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO</b>	<b>12</b>
<b>AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>12</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>14</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>15</b>

## **PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL**

### **SÍNTESE DA EXPERIÊNCIA**

No Brasil, os acidentes no trânsito representam a principal causa de morte de crianças entre 0 a 14 anos. Segundo o Ministério da Saúde, cerca de 6 mil crianças até 14 anos morrem e 140 mil são hospitalizadas anualmente no país, representando 63 milhões de reais, gastos na rede do Sistema Único de Saúde (SUS).

As pesquisas realizadas demonstram a necessidade de uma tomada de atitude através de medidas urgentes, sobretudo educacionais, com o intuito de mudar essa situação, pois segundo as Diretrizes Nacionais para Educação no Trânsito, a inclusão desse tema como abordagem transversal às áreas curriculares torna-se imprescindível, visto que o trabalho permanente na escola possibilitará mudanças de comportamento que contribuirão para garantir a segurança das crianças no espaço público.

O Projeto “Educação Para o Trânsito na Escola: Uma Questão de Direitos Humanos” começou a ser desenvolvido na escola, numa turma com 35 alunos do 4º ano, no turno vespertino, no ano letivo de 2010. No início das aulas observamos a falta de cuidado dos alunos ao transitar pela escola, inclusive, ocasionando alguns incidentes. Paralelamente a essa problemática, verificamos a falta de socialização dos alunos em sala, além da dificuldade no contexto da leitura, escrita e oralidade. A repercussão positiva do projeto em 2010 foi tão significativa que lançamos a 2ª edição em 2011.

A experiência teve como objetivo compreender a importância do Trânsito como parte integrante do cotidiano das pessoas em relação a sua necessidade de locomoção, comunicação e, sobretudo, convívio social no espaço público. Buscamos, ainda, sensibilizar os educandos quanto a importância de agir com consciência e responsabilidade no ato de transitar tendo como respaldo a aquisição de valores, posturas e atitudes na conquista de um ambiente solidário e pacífico entre os indivíduos, uma vez que o trânsito não necessita somente de leis e normas, mas também de amor à vida, solidariedade, respeito e amor ao próximo.

Utilizamos como recurso metodológico a apresentação de cartazes como eixo norteador das aulas, além de atividades diversificadas possibilitando criar na escola um ambiente socializador do aprendizado. Para solidificar a produção do conhecimento realizamos atividades diversificadas, tais como: Caminhada na Comunidade; Estudo do Meio; Exposição de Maquetes; Dança; Teatro; Coral; Concursos de Desenho, Frases e Textos; Exposição de Painéis, além e outras ações tiveram como base o desenvolvimento da leitura, expressão oral e escrita.

Realizamos a avaliação do processo ensino-aprendizagem de maneira contínua e formativa com caráter qualitativo possibilitando, assim, uma análise dos resultados obtidos. Buscamos no decorrer do processo respeitar as diferenças individuais e o ritmo de aprendizagem de cada aluno, já que a avaliação não deve ser utilizada como um instrumento de exclusão, mas servir como um processo de análise dos aspectos cognitivos, afetivos e relacionais.

## **I.JUSTIFICATIVA**

Posto que a educação é um instrumento primordial para minimizar as estatísticas negativas em relação à incidência de pessoas lesionadas ou mortas diariamente nas grandes cidades, a abordagem sobre o Trânsito necessita ser amplamente difundida nas escolas. De acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2008), 1 milhão de crianças entre 0 e 14 anos morrem em decorrência de acidentes todos os anos ao redor do mundo e cerca de cinquenta milhões ficam com sequelas permanentes.

No Brasil, os acidentes no trânsito representam a principal causa de morte de crianças entre crianças de 0 a 14 anos. Segundo o Ministério da Saúde, cerca de 6 mil crianças até 14 anos morrem e 140 mil são hospitalizadas anualmente no país, representando 63 milhões gastos na rede do Sistema Único de Saúde (SUS).

As estatísticas mencionadas demonstram a urgência da adoção de medidas, sobretudo educacionais, com o intuito de reverter essa situação, pois a inclusão do trânsito como tema transversal às áreas curriculares torna-se imprescindível, visto que o trabalho permanente na escola possibilitará mudanças de atitudes que contribuirão para garantir a segurança das crianças no espaço público.

A implantação do Projeto “Educação para o Trânsito na Escola” surgiu da necessidade em trabalhar a Educação para o Trânsito, em virtude dos incidentes ocorridos dentro e fora da escola pertinente ao ato de ir, vir e estar. As crianças apresentavam imprudência na circulação entre os corredores e falta de socialização em sala de aula. Paralelamente a essa problemática, detectamos a dificuldade de aprendizagem dos alunos na leitura, expressão oral e escrita.

Decidimos, então, trabalhar a prática da leitura, escrita e oralidade em consonância com a questão do transitar dentro e fora da escola. Segundo levantamento realizado em sala de aula cerca de 70% dos alunos caminham sozinhos de casa até a escola; 10% recebem acompanhamento dos pais até a instituição de ensino, outros 15 % utilizam transporte coletivo e apenas 5% dos alunos têm acesso à escola através de condução própria. Tal fato reflete a importância de se trabalhar a educação para o trânsito no âmbito escolar, pois a temática faz parte do contexto social do educando.

A instituição educativa, como agente de transformação social, tem o dever de mobilizar-se para resolver situações que interfiram em seu cotidiano, uma vez que somente buscando culpados para os problemas não iremos modificar o contexto. Devemos, portanto, intervir na realidade e transformá-la, visando o bem da coletividade.

O projeto detectou, ainda, a necessidade dos alunos em resgatar a auto-estima, visto que as atitudes de comodismo, apatia e indiferença demonstradas no contexto escolar clamavam por ações emergenciais voltadas para a afetividade, resgate de valores e desenvolvimento de competências e habilidades em sala de aula.

As atitudes de violência no ato de transitar, muitas vezes, foram utilizadas para despertar a atenção do educador quanto aos problemas emocionais do aluno. Cabe ao

professor compreender o rico e complexo universo da sala de aula e romper com as amarras de um ensino centralizador, tendo a coragem de enfrentar as resistências para construir um ambiente onde a prática pedagógica ocorra de maneira acolhedora, autônoma, participativa, inovadora, reflexiva e crítica.

Acreditamos que um dos aspectos mais importantes para a conquista da paz e da segurança no trânsito é que os agentes envolvidos saibam conviver consigo e com o próximo. Neste sentido, o projeto enfoca amplamente a conquista de valores referentes às relações humanas, já que não é viável apenas exibir dados de acidentes e mortes no trânsito, mas elaborar ações de prevenção aos acidentes envolvendo motoristas, motociclistas, ciclistas, passageiros e pedestres.

## **II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A prática pedagógica necessita de suporte teórico para legitimar a construção do conhecimento. Nesse sentido, a experiência pedagógica “Educação para o Trânsito na Escola - Uma Questão de Direitos Humanos” referente ao trânsito utiliza informações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais relacionados à questão da Ética, nas Diretrizes Nacionais de Educação para o Trânsito, Suplementos Informativos do Departamento Estadual de Trânsito / DETRAN-AM e Instituto Municipal de Trânsito / MANAUSTRANS, além dos fundamentos teóricos de Vasconcelos e Rodrigues.

No contexto pedagógico, utilizamos as ideias progressistas de Paulo Freire, a proposta de leitura defendida por Ezequiel Teodoro da Silva; os estudos de Emília Ferreiro sobre a expressão escrita; os pressupostos epistemológicos do psicopedagogo Celso Antunes e o desenvolvimento de competências de acordo com o sociólogo Philippe Perrenoud , além de outros pensadores.

Educar para o trânsito é primordial para a sociedade atual, que vive um quadro brutal representado por variadas formas de agressões ao homem em seu cotidiano. A escola necessita acompanhar as mudanças sociais preparando o educando para saber transitar no espaço público, além de refletir sobre a questão da ética, ou seja, repensar sobre as diversas faces de conduta do ser relacionadas ao ato de transitar.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais P.C.N.'s (2001), trabalhar com o tema ética diz respeito às relações humanas presentes no interior e exterior da escola, posto que esta não é uma ilha isolada, ela ocupa um lugar importante nas diversas comunidades envolvendo as famílias dos alunos. A escola precisa estabelecer uma relação entre ética e trânsito estimulando, dessa maneira, a reflexão do aluno sobre sua conduta e a dos outros, a partir de valores e princípios que norteiam o cotidiano, tais como: respeito, diálogo, solidariedade e justiça.

O projeto valoriza e desenvolve em suas ações os temas transversais, pois refere-se às questões que interferem na vida dos alunos. São apresentados como temas

transversais: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural. O Trânsito pode ser inserido de maneira transversal em todas as disciplinas, pois se trata de um tema inerente à realidade das pessoas. Acreditamos que a transversalidade transpassa as disciplinas, tendo como principais objetivos potencializar valores, fomentar comportamentos e desenvolver posturas e atitudes frente à realidade social favorecendo, dessa maneira, a construção da cidadania do educando.

GULLO (2000) defende as ações educativas que promovam a formação de atitudes contribuindo, assim, para um trânsito mais humano e para a melhoria da qualidade de vida. Entretanto, a visão fragmentada de homem e de mundo tem influenciado a ação dos educadores que formulam seus objetivos sem ouvir a criança e o adolescente, sem compreender sua vivência e sua percepção sobre a realidade do trânsito. A Educação de Trânsito é concebida apenas como o ensino de regras e o treinamento de habilidades como únicas formas de atingir o objetivo de reduzir o envolvimento em acidentes.

As Diretrizes Nacionais de Educação Para o Trânsito (2009) valorizam o desenvolvimento da temática no contexto transversal colaborando, dessa maneira, na formação integral do aluno. Para tanto, estabeleceram como referencial epistemológico os seguintes aspectos a serem trabalhados: convívio social, locomoção, comunicação e segurança do motorista, motociclista, pedestre, passageiro e ciclista.

O convívio social é importante, pois no trânsito nenhuma atitude pode ser concebida sob o ponto de vista individual, visto que as pessoas se locomovem num espaço que pertence à coletividade. Vasconcelos (2001) afirma que no espaço público existe um relacionamento interpessoal onde podem ser criadas situações harmoniosas ou conflitantes, caracterizadas pela disputa de espaço ou interesse pessoal revelando, dessa maneira, a postura no ato de transitar. A escola deve trabalhar com os educandos princípios básicos de convivência, assim como valores primordiais nas relações interpessoais, tais como: tolerância, solicitude, fraternidade, compreensão, paciência, educação e respeito.

O tema comunicação no trânsito é desenvolvido com base na análise e na compreensão das mensagens transmitidas através da linguagem visual, sonora e gestual. Compreender, neste caso, não significa repetir ou memorizar, mas descobrir verdadeiramente o sentido das mensagens e sua importância na segurança dos transeuntes nas ruas.

No tocante à locomoção no trânsito, as diretrizes defendem a promoção de situações que levem o educando à observação, à exploração, à análise, ao debate e à produção do conhecimento sobre os lugares onde os alunos vivem, assim como, conhecer os instrumentos de locomoção que favorecem o acesso a esses lugares.

Quanto à Segurança no Trânsito, de acordo com o inciso 2º do Artigo 1º do Código de Trânsito Brasileiro ( 2001 ) “O Trânsito em condições seguras é um direito de todos e dever dos órgãos componentes do Sistema Nacional de Trânsito, adotar medidas e assegurar este direito”. Cabe à escola difundir as principais atitudes a serem adotadas pelos alunos enquanto pedestres e ciclistas, assim como, repassar informações aos pais

e aos comunitários enquanto atores que exercem o papel de pedestres, motoristas, ciclistas, passageiros e motociclistas.

A Educação de Trânsito é concebida, muitas vezes, apenas como o ensino de regras e o treinamento de habilidades como únicas formas de atingir o objetivo de reduzir o envolvimento em acidentes. A proposta da experiência pedagógica “Educação Para o Trânsito na Escola - Uma Questão de Direitos Humanos” discorda dessa concepção, pois investe em ações educativas permanentes que transcendam a aprendizagem de regras, normas ou leis, mas que busquem a adoção de atitudes e valores primordiais no convívio social colaborando, dessa maneira, na construção da cidadania do educando e no respeito aos direitos humanos.

A cartilha “Caminho para a Escola” (1988) advoga que desenvolver a cidadania e a responsabilidade dos alunos na infância e na adolescência é fundamental para a preparação de adultos educados, críticos, participativos e cientes de seus direitos e deveres no espaço público. Educar para o trânsito significa estimular a comunidade educativa a desenvolver hábitos e comportamentos seguros, transformando o conhecimento em ação. Para tanto, a escola não pode ser apenas uma mera reprodutora de conhecimentos desvinculados das reais necessidades da criança, deve cumprir o seu papel como agente social, preparando o aluno para conviver com a realidade.

De acordo com Vasconcelos (2001), o trânsito é o “mundo da rua” por excelência, ou seja, é o universo da convivência entre estranhos - um espaço público compartilhado por gente que não se conhece pessoalmente, que tem seus próprios objetivos e que depende das ações e reações dos demais para alcançá-los. Portanto, cabe a todos nós assumirmos o papel de colaboradores na busca de um trânsito seguro, pacífico e solidário tendo como base a educação voltada para o resgate da cidadania e a valorização da vida.

A experiência pedagógica buscou através das ações educativas referentes ao trânsito trabalhar também as dificuldades de aprendizagem em sala de aula de acordo com a faixa etária dos alunos, visando a leitura, escrita e oralidade. Porto (2009) afirma que o ato de ler envolve práticas e experiências humanas nas quais devem ser considerados diversos fatores, como a idade do leitor, seu grau intelectual, seus gostos, além disso considerar o grau de necessidade do aluno atrelado a sua realidade. Nesse sentido, buscamos desenvolver a leitura de cartazes e diferentes abordagens textuais acontecendo de maneira individual e compartilhada, configurando-se como uma prática ativa, crítica e transformadora.

Para Martins (1991), a leitura é uma experiência individual sem demarcações de limites, que não depende somente da decifração de sinais gráficos, mas de todo o contexto ligado à experiência de vida de cada ser, para que ele possa relacionar seus conteúdos prévios com o conteúdo do texto e, assim, construir sentidos.

Na concepção de Foucault (1998), o ato de ler implica a criação de significados relacionados às informações que o leitor tem àquilo que já sabe. Por sua



vez, Solé (1998) afirma que “quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu conhecimento pessoal atrelado a uma diversidade de textos”.

A utilização de diferentes gêneros textuais possibilitou ao aluno o acesso a um instrumento de leitura dinâmico e criativo, favorecendo, dessa maneira, uma melhor compreensão da mensagem através de atividades dialogadas e, posteriormente a prática da expressão oral escrita. O professor deve acreditar nas potencialidades do aluno, abrindo espaço para novas conquistas e desafios através de ações pedagógicas que propiciem o despertar crítico.

Cagliari (2004), afirma que a leitura não se reduz à somatória dos significados individuais dos símbolos (letras e palavras), mas obriga o leitor a enquadrar todos esses elementos à compreensão crítica da mensagem textual. Nesse sentido, precisamos oferecer diferentes alternativas de leitura e propiciar momentos de análise e reflexão para transformar a leitura mecânica em leitura dinâmica.

A maneira como a escola trata o ato de ler e escrever leva facilmente muitos alunos a terem aversão à leitura e conseqüentemente à escrita, o que é realmente um fator negativo no campo educacional. A leitura e a escrita não podem se reduzir a um conjunto de normas. O texto revela a representação do pensamento, portanto deve ser compreendido e interpretado de maneira objetiva e clara, significando ir além da simples dissecação a que se refere o formalismo das técnicas de leitura e escrita. Nessa perspectiva, Luckesi (1993) considera que:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e educandos criadores, intrigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes, persistentes. (p. 29)

Acreditamos que, para a escola, é indiscutível a importância do ato de ler. Contudo, necessitamos analisar as condições concretas de produção da leitura, e como ela é conduzida no contexto escolar, já que, muitas vezes, o discurso na escola contrapõe-se à sua prática. A metodologia essencialmente utilizada para a leitura conduz apenas à repetição de conhecimentos e informações obtidas por outros sem oportunizar o confronto de informações com as experiências e vivências daqueles que estavam exercitando o seu direito de ler. Silva (1996) ressalta que:

As metodologias para o ensino da leitura nas escolas surgem em função da imitação de velhos professores e não do conhecimento crítico bem fundamentado nas teorias da leitura. E pior, essa informação é feita sobre procedimentos padronizados do tipo ‘o meu

professor fazia assim e assim eu devo fazer nesta classe' sem nenhum tipo de adequação a realidade das escolas. (p.81).

Perrenoud (1999) lembra que “o principal recurso do professor é a postura reflexiva, sua capacidade de observar, de regular, de inovar e de aprender com os alunos e com as experiências” (p.45). Verificamos que a abordagem por competência exige uma postura reflexiva do educador quanto a sua prática pedagógica, considerando que a atuação na sala de aula deve acompanhar as mudanças sociais, sendo imprescindível ao professor uma análise quanto sua formação profissional e os reais anseios da comunidade escolar.

Vieira (1989) afirma que para o professor desenvolver a leitura em sala de aula é necessário levar em conta a relação de prazer que deve ser estabelecida entre leitor e texto. Para a autora, ao se desenvolver um trabalho de leitura desvinculado da obrigatoriedade, recupera-se o prazer pelo texto. Mediante o exposto, desenvolvemos essa experiência através de atividades criativas e diversificadas de leitura, oralidade e escrita, resgatando no aluno o interesse e auto-estima, pois o professor não deve se limitar a simples espectador no ato de aprender mas redefinir seu papel na dinâmica das relações sociais dentro e fora da sala de aula.

A produção escrita foi desenvolvida com base nas experiências do educando, sendo solicitada, desde o início, a produção de seus próprios textos. A linguagem oral foi amplamente explorada nas ações do projeto, pois a atividade dialogada facilita a socialização do pensamento; combate a introspecção e resgate auto-estima do educando. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001):

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se é, do que se sente. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. (p. 49)

O trabalho com a oralidade não se reduziu apenas em promover um espaço em que os alunos pudessem falar. Buscamos através da apresentação dos cartazes numa abordagem histórica social, valorizar os diferentes interlocutores, considerando que a linguagem tem um admirável papel no processo de ensino já que atravessa todas as áreas do conhecimento e revela os diferentes discursos adquiridos pelo aluno no contexto social em que vive.

Na concepção de Porto (2009), “saber escutar com respeito os mais diferentes tipos de interlocutores é fundamental. Se não houver ouvinte, a interação não acontece. Logo, é preciso desenvolver nos alunos a competência de saber escutar o outro, o que favorece, inclusive, a convivência social”. No decorrer da experiência, valorizamos o relato de experiência do aluno, provocando situações que foram desde a simples conversa com

o colega e com o professor, até a apresentação dos resultados da expressão escrita e conhecimento de mundo através das apresentações individuais ou em grupos na sala de aula.

Para Vigotsky (1998) “a função primordial da fala é a comunicação, o intercâmbio social”. Neste sentido, propiciamos no ambiente escolar o caráter dialógico valorizando as experiências de vida do educando respaldados, assim, na troca de experiências. Acreditamos que o caráter sociocultural do processo de conhecimento nos faz pensar num educando social e histórico, e que, por isso mesmo, deve ser estimulado à criação e à autonomia, uma vez que ao entrar na escola, o mesmo já tem competência linguística. Cabe à escola melhorar seu desempenho oral e, conseqüentemente, o aprimoramento da expressão escrita.

O ato de escrever possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e do passado e em termos de possibilidades de transformação sociocultural futura, tornando-se instrumentos de aquisição, transformação e produção do conhecimento, além do que elementos importantes na construção da cidadania. Como afirma Lajolo (2001):

É lendo que adquirimos novos conhecimentos, desafiamos nossa imaginação e descobrimos o prazer de pensar e sonhar. O aluno com dificuldade de análise crítica da leitura perde a oportunidade de entender a riqueza de aprender sobre a cidade, seu estado ou país nas aulas de Geografia e História e de compreender o funcionamento e as características da vida. Finalmente, é por meio da leitura que se tem acesso à cidadania. (p. 34 ).

. Para tanto, cabe ao professor promover discussões na busca de significados, estimulando, dessa maneira a formação de leitores críticos. Neste sentido, Lewis (1999) menciona que:

Na escola primária, tínhamos somente os livros-texto. As professoras faziam competição entre os alunos para ver quem lia melhor. O resultado? Humilhação para os derrotados e orgulho para os vencedores. Cadê a criatividade? Onde foi parar a crítica? (p.76/77).

A prática da leitura escolar não nasce do acaso, nem do autoritarismo em nível de tarefas ou competições, mas de outra programação envolvente e devidamente planejada, que incorpore, no seu projeto de execução, as necessidades, as inquietações e os desejos de alunos leitores.

Conforme Freire (2000), precisamos cultivar “*a escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, a escola que apaixonadamente diz sim à vida.* (p 34). Logo, buscamos desenvolver com atividades diversificadas a expressão escrita na sala de aula através de temas sociais relacionados à vivência do

educando como a questão do trânsito, facilitando, dessa maneira, sua convivência no espaço público.

Acreditamos que o educador no contexto escolar deve ter o compromisso social na busca de uma educação crítica e transformadora encontrando novos caminhos, compartilhando com os outros o desejo de mudança na busca de uma escola mais fraterna, justa e humana.

### **III. OBJETIVOS EDUCACIONAIS**

-Compreender a importância do Trânsito como parte integrante do cotidiano das pessoas em relação a sua necessidade de locomoção, comunicação e, sobretudo, convívio social no espaço público.

-Desenvolver atividades diversificadas, contribuindo, dessa maneira, para melhorar a convivência e a valorização dos direitos humanos dentro e fora da escola, tendo como instrumento a Educação para o Trânsito.

-Contribuir com o processo ensino-aprendizagem através de ações que estimulem a leitura, a expressão oral e a escrita em consonância com a realidade social, resgatando, dessa maneira, a auto-estima dos alunos e a socialização em sala de aula.

-Sensibilizar os educandos quanto à importância de agir com consciência e responsabilidade no ato de transitar tendo como respaldo a aquisição de valores, posturas e atitudes na conquista de um ambiente solidário e pacífico entre os indivíduos, uma vez que o trânsito não necessita somente de leis e normas, mas também de amor à vida, solidariedade, respeito e amor ao próximo.

### **IV. CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

A escola fica localizada na área periférica da cidade de Manaus, é uma entidade civil de direito público, com caráter pedagógico. O estabelecimento de ensino é administrado pela Secretaria Municipal de Educação / SEMED e atende cerca de 700 alunos, distribuídos em dois turnos (matutino e vespertino) em nível de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Quanto ao espaço físico, é constituída por três prédios em razoáveis condições de uso, com salas proporcionais ao número de alunos. Possui 10 salas de aula climatizadas; Biblioteca; Secretaria; Sala de Professores; Gabinete Odontológico; Sala de Pedagogia; Cozinha, Depósito e Quadra Poliesportiva.

A renda salarial da população desta comunidade gira em torno de 1 a 2 salários mínimos. Detectamos através de pesquisas realizadas na escola que muitos pais estão desempregados e outros adquirem a renda familiar através de atividades informais (vendedor ambulante, lavadeira, diarista e outros).

No ambiente familiar, os alunos ficam quase sempre sozinhos ao retornarem da escola, já que tanto os pais quanto as mães trabalham para garantir o sustento familiar. Detectamos que a merenda escolar, muitas vezes, se torna o único alimento diário para um grande número de alunos.

Os comunitários contam com os serviços de iluminação elétrica, água encanada, sistema de esgoto precário, coleta de lixo diária e transporte coletivo deficitário. No aspecto cultural, existem poucas atividades que são desenvolvidas através da “Casa do Folclore”, como aulas de artesanato e culinária. A comunidade possui uma praça como área de lazer e uma quadra poliesportiva para a realização de atividades socioculturais.

## **V. METODOLOGIA**

O verdadeiro educador necessita criar ambientes e situações que gerem a construção do conhecimento, que possibilitem identificar o pensamento do aluno e acompanhá-lo. A experiência pedagógica desenvolveu os temas de maneira transversal respeitando os diferentes níveis de conhecimentos dos educandos, possibilitando, assim, a construção e reconstrução de suas hipóteses sobre o mundo que os cerca.

Utilizamos cartazes como eixo norteador das aulas, além de atividades diversificadas possibilitando criar na escola um ambiente de diálogo cultural, baseado no respeito mútuo e na solidariedade. Os alunos manusearam o material em grupos rotativos ou em momentos individuais. Em seguida, realizaram leituras e atividades dialogadas visando a socialização do conhecimento de maneira autônoma e significativa.

Para solidificar a produção do conhecimento realizamos atividades diversificadas, tais como: Caminhada na Comunidade; Estudo do Meio; Exposição de Maquetes; Dança; Teatro; Coral; Concursos de Desenho, Frases e Textos; Exposição de Painéis, além de outras ações que tiveram como base o desenvolvimento da leitura, expressão oral e escrita.

Os temas das aulas eram definidos no planejamento quinzenal, ou ainda, outros temas que fossem surgindo no decorrer das atividades eram aproveitados. Geralmente, iniciamos as aulas com leitura de textos, apresentação de slides ou atividade dialogada, em seguida, realizamos a exploração do tema através dos cartazes, músicas ou apresentação de DVD. Encerramos a atividade com produção textual, relato de experiência resgatando o contexto social do educando, desenho ou outras atividades para consolidar o aprendizado.

Os recursos metodológicos foram aplicados de acordo com a temática desenvolvida no decorrer da semana. Para facilitar o desenvolvimento das temáticas, o projeto foi dividido em cinco blocos:

Bloco I \_ Trânsito e as Datas Cívicas e Culturais;

Bloco II \_ Segurança no Trânsito;  
Bloco III \_ Trânsito é Convívio Social;  
Bloco IV \_ Trânsito é Comunicação;  
Bloco V \_ Trânsito é Locomoção

O projeto também contemplou os Temas Transversais: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Saúde sendo trabalhados em consonância com os componentes curriculares do ensino fundamental. Para tanto, não criamos uma aula específica para estudá-los, pois entendemos que os mesmos abordam questões sociais presentes na realidade, portanto, uma discussão integrada se faz necessária para que tenham significado e função social.

## **VI. CRONOGRAMA E AÇÕES DO PROJETO**

A inquietude como educadora possibilitou aplicar em sala de aula diferentes ações para estimular as potencialidades do educando de maneira criativa, dinâmica e transformadora. Para tanto, utilizamos apresentação de cartazes, apresentação em power point, entrevistas, palestras, estudo do meio, apresentação de dança e teatro, reunião de pais, oficina de produção textual; caminhada pela comunidade; entre outros.

Buscamos desenvolver as ações de maneira ora individual, ora coletiva. A composição dos grupos foi realizada através da livre escolha ou através de sorteio. Percebemos que dessa maneira a turma conseguiu reverter a falta de socialização entre os educandos. O período de atividades foi entre fevereiro de 2010 a dezembro de 2010, seguindo um cronograma flexível, uma vez que os temas eram adaptados de acordo com o cotidiano da turma.

## **VII. ESPAÇOS FÍSICOS E MATERIAIS UTILIZADOS**

Realizamos as ações do projeto em diferentes ambientes, uma vez que a dinâmica das atividades contribui para explorar o espaço físico da escola possibilitando, ainda, o envolvimento de outras turmas. Verificamos que o educador necessita, urgentemente, tornar eclética sua prática pedagógica, ampliando e enriquecendo a aprendizagem do aluno.

O espaço do ambiente de mídias foi ricamente explorado através do acervo de informações contidas em DVD. Na Biblioteca, realizamos leituras diversificadas através de três visitas semanais com duração de uma hora.

Durante a experiência, utilizamos materiais diversos, tais como: papel madeira, papel quarenta quilos, papel ofício, isopor, cola, tesoura, pincel, sucata, saco plástico de

lixo, jornais, revistas, livros, envelopes, cartolina, emborrachado, lápis de cor, papel cartão, T.NT., cola quente, fita dupla face, fita adesiva e fita crepe.

## **VII. PARCEIROS NO PROJETO**

O princípio da autonomia requer vínculos mais estreitos com a comunidade educativa, basicamente os pais, as entidades e as organizações paralelas à escola. Nesse sentido, o projeto valorizou as parcerias visando enriquecer as ações do projeto, assim como, a produção do conhecimento.

Destacamos as instituições que contribuíram de maneira significativa para a realização das ações, tais como: Universidade Federal do Amazonas / UFAM (participação das estagiárias com palestras sobre o Meio Ambiente) TV EM TEMPO (divulgação do projeto na mídia); Instituto Municipal de Trânsito / MANAUSTRANS (palestras para professores na escola, oficina com arte-educadores para os alunos, acompanhamento dos agentes de trânsito nas campanhas e caminhadas educativas pela comunidade e doação de material de divulgação sobre Educação para o Trânsito); Departamento de Trânsito-DETRAN (doação de material de divulgação sobre Educação para o Trânsito e temas educacionais fornecidos no site da instituição)

Tivemos a colaboração do Conselho Tutelar da Zona Sul (palestras sobre abuso e violência sexual de menores e os perigos das drogas) e Coordenadoria de Controle de Acidentes e Violências da Secretaria Municipal de Saúde - SEMSA; Conselho Estadual de Políticas sobre Drogas/CONEM (palestra com os alunos sobre prevenção as drogas); Secretaria Municipal de Limpeza Pública (palestra sobre reciclagem do lixo) e Projeto Ame a Vida (palestra sobre os perigos dos brinquedos violentos).

As parcerias no contexto escolar proporcionam o enriquecimento da prática pedagógica, na medida em que a escola abre espaço para ações inovadoras, tendo como princípio a responsabilidade de todos na construção do conhecimento do aluno. Acreditamos que a escola necessita ultrapassar seus muros e fortalecer os vínculos com diferentes setores no contexto social. Dessa maneira, difundimos ações educativas e conquistamos a confiança da comunidade em defesa dos direitos do cidadão e divulgação dos seus deveres no trânsito.

A experiência pedagógica recebeu o apoio da comunidade escolar conseguindo, assim, alcançar os objetivos propostos. O projeto em alguns momentos também envolveu outras turmas favorecendo, dessa maneira, a construção compartilhada do conhecimento. A parceria com as famílias dos alunos e a comunidade recebeu destaque, pois tivemos a participação efetiva dos moradores e pais que compreenderam a importância da integração escola / família / comunidade.

## **VIII. ARTICULAÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**

O Projeto Político Pedagógico da Escola está sustentado pelas teorias sócio-interacionista de Vigotsky e das inteligências múltiplas de Gardner. Nessas vertentes o aluno é considerado um ser com diferentes potencialidades e em constante interação com meio em que está inserido. A experiência pedagógica possibilitou a interação com o Projeto político Pedagógico no sentido de considerar a aprendizagem um processo profundamente social que necessita adaptar novas estratégias e conteúdos à realidade do aluno.

O Projeto Político-Pedagógico da escola não deve ser apenas um agrupamento de planos de ensino ou atividades diversificadas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola. Para tanto, deve ser um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola, na busca de alternativas viáveis.

A experiência pedagógica conseguiu ser articulada ao Projeto Político-Pedagógico ao atender as reivindicações dos pais em trabalhar a questão do Trânsito no âmbito escolar, além de conseguir melhorias para a comunidade através da construção de calçadas e implantação da sinalização vertical e horizontal nas ruas do bairro.

## **IX. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS**

Para Antunes (2003), a avaliação, como tudo mais é antes de tudo uma questão de concepção e não uma questão de técnica. Daí a necessidade de o professor pensar, observar, descobrir, em cada momento, a maneira mais adequada de contribuir para que o aluno cresça na aquisição de seu conhecimento.

Mediante o exposto, buscamos no decorrer do processo respeitar as diferenças individuais e o ritmo de aprendizagem de cada aluno, pois a avaliação não deve ser utilizada como um instrumento de exclusão, mas servir como um processo de análise dos aspectos cognitivos, afetivos e relacionais. Para tanto, utilizamos o caderno de campo para registrar de forma detalhada o processo de construção do educando, cada um no seu tempo e espaço, por seu caminho, com seus recursos e com a ajuda do coletivo.

Verificamos que antes da experiência em relação ao aspecto sócio-afetivo os alunos não conseguiam trabalhar em equipe e a falta de socialização causava momentos de discórdia em sala de aula. A metodologia adotada favoreceu o trabalho em grupo, a troca de experiência, o cooperativismo e a integração dos alunos entre si e até mesmo com os colegas de outras turmas que foram envolvidos em algumas ações.

Na área da Língua Portuguesa, conseguimos ampliar o gosto e o hábito pela leitura em sala de aula através da leitura de textos informativos extraídos da internet, do acervo de livros da biblioteca, de jornais e revistas. O projeto valorizou a diversidade dos textos provocando situações de reflexão acerca do que foi lido, estimulando, assim, a análise crítica do aluno.



Em relação à oralidade, conseguimos suscitar diferentes momentos de diálogo, resgatando, assim, a auto-estima do aluno. Acreditamos que expressar-se oralmente requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Logo, a oralidade teve um espaço fundamental na prática pedagógica no momento em que os alunos realizaram entrevistas, expuseram o resultado de sua produção textual e outras atividades.

A expressão escrita dos alunos mereceu destaque pela melhora significativa dos mesmos, pois conseguimos aproximar o aluno dessa prática ao invés de causar aversão pelo ato de escrever. As oficinas de construção de texto disponibilizaram diferentes materiais de consulta para apoiar o aluno escritor.

A inclusão dos temas transversais nas atividades, possibilitou aos alunos estabelecerem conexão entre os temas abordados em sala de aula e suas relações sociais, tornando a aprendizagem significativa.

Em relação à expressão oral e escrita, os alunos apresentaram uma melhora significativa, se comparada ao início do ano letivo, pois perderam a insegurança em escrever e falar conseguindo, dessa maneira, externalizar suas ideias através das construções de textos e da oralidade. A apatia e o silêncio deram espaço a iniciativas espontâneas de relatos de experiências, descobertas e emoções retratadas através do diálogo em sala de aula.

Observamos através da diversidade textual que os alunos ao realizarem as leituras não se limitaram apenas à decodificação de palavras, mas utilizaram os procedimentos necessários para a compreensão do texto. A leitura mecânica cedeu espaço a uma leitura vivenciada voltada para a análise crítica dos fatos sociais. Buscamos, ainda, socializar o ato de ler com ações coletivas para servir como estímulo não somente aos alunos, mas envolver também os colegas professores no universo fascinante da leitura.

Segundo relato dos pais e observações realizadas no cotidiano de sala de aula verificamos que os alunos conseguiram transitar com mais segurança no espaço público. Um ponto fundamental a ser considerado no desenvolvimento da experiência foi a conquista de valores pelos alunos, tais como: respeito pelas ideias e opiniões dos colegas; senso de organização; solidariedade e tolerância. Além disso, a realização do projeto contribui para desmistificar a imagem que o aluno costuma ter do professor: a de único dono do saber. Afinal, nesse contexto, o professor não é mais aquele que detém o saber elaborado, mas um mediador no processo de construção do conhecimento.

Os resultados obtidos no projeto superaram todas as expectativas, pois conseguimos alcançar os objetivos propostos e ainda articulamos a participação de outras turmas no decorrer da experiência. O envolvimento dos pais foi marcante, pois a experiência pedagógica conseguiu aproximar a família da escola, mantendo um diálogo fraterno, dinâmico e acolhedor.

## X. CONCLUSÃO

Verificamos que muitos professores já desenvolvem ações pedagógicas através de projetos. A Pedagogia de Projetos propõe colaborar para que um novo significado seja dado ao espaço escolar, transformando-o em um espaço vivo, de interações, aberto às múltiplas dimensões da vida e do ser.. Aprende-se realmente participando e vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante dos fatos e escolhendo os melhores procedimentos para atingir determinados fins.

Nessa perspectiva o aluno deixa de ser apenas um aprendiz passivo e reprodutor de ideias alheias, pois é impossível educar desconsiderando a história de vida dos educandos. Os projetos são oportunidades excepcionais nas escolas, pois contribuem na formação do cidadão crítico, criativo, capaz de estabelecer relações com o meio em que vive, sendo atuante, responsável e comprometido com o que faz.

A repercussão positiva do projeto na comunidade foi gratificante, posto que, os pais começaram a valorizar o espaço escolar favorecendo, assim, o diálogo entre a família e a instituição educativa. O relato dos familiares quanto à participação de seus filhos nas atividades causou, em alguns momentos, emoção servindo como estímulo para a propagação da experiência. Conseguimos trazer benefícios para a escola através da recuperação das calçadas e a implantação da sinalização vertical e horizontal garantindo, dessa maneira, a segurança dos motoristas e pedestres.

O modelo de ensino centrado na fragmentação do conhecimento cedeu espaço ao saber articulado relacionando, deste modo, conhecimento e vivência. Verificamos que através da experiência muitos professores da escola começaram a desenvolver uma nova metodologia voltada para os reais anseios do educando. Conseguimos, então, romper com a postura clássica de alguns colegas educadores que não acreditavam na importância da pedagogia de projetos em sala de aula.

A escola se tornou mais atrativa, conseguindo, inclusive, diminuir o índice de evasão escolar. O trabalho coletivo e solidário foi imprescindível para o êxito do projeto, visto que, a construção do conhecimento quando compartilhada se torna mais significativa. A parcerias com outras instituições no decorrer do projeto favoreceram novos conhecimentos aos alunos e aos professores demonstrando que o aprendizado deve ser algo constante em nossa vida.

A experiência abrangeu uma temática de ordem social importantíssima podendo ser aproveitada por muitos educadores, pois o trânsito faz parte do cotidiano do cidadão e necessita ser trabalhado desde cedo nas escolas. Difundir a Educação Para o Trânsito garante, em especial, aos professores e alunos uma ampla vivência da prática democrática favorecendo, desde cedo, a cidadania através do ato de ir, vir e estar com respeito e responsabilidade. O Brasil apresenta um alto índice de acidentes de trânsito e, certamente, a educação é um instrumento fundamental para transformar essa lamentável realidade.

Na trajetória profissional, a experiência favoreceu a interlocução da educadora com diferentes segmentos institucionais contribuindo, dessa maneira, para ampliar horizontes, aprender novos conhecimentos e solidificar as parcerias tendo como princípios a ética e o comprometimento com a educação que faz a diferença

## **XI.REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Irlandé. Aula de Português: Encontros e Interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. Código Nacional de Trânsito. Código de Trânsito Brasileiro: instituído pela Lei nº 9.503, de 23-9-97. Com as alterações na Lei nº 9.792, de 22-01-1998 e 9.792, de 14-04-1999 – Brasília: DENATRAN, 2001.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Nacionais de Educação Para o Trânsito. Texto de Juciara Rodrigues; Ministério das Cidades, Departamento Nacional de Trânsito. Brasília, 2009

\_\_\_\_\_. A Caminho para a Escola. Cartilha educativa destinada a alunos de 1ª a 4ª série. Brasília. Ministério da Educação, 1988.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização & Linguística 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1982.

FOUCAMBERT, Jean. A Criança, o professor e a leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GULLO, A.S. “Violência urbana: violência na perspectiva da antropologia social”. Revista da Associação Brasileira de Acidentes e Medicina de Tráfego. São Paulo, 2000

LAJOLO, Marisa. Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. São Paulo, Ótica, 1993.

LEWIS, Isaac Warden. Trabalhos Acadêmicos: orientações e normas. Manaus-AM: Universidade do Amazonas, 1999.

LUCKESI. Avaliação na Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições. 3.ed. São Paulo: Autores Associados, 1993.

MARTINS. Maria H. O Que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria da Educação fundamental 3. ed. Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_: Pluralidade Cultural / Ministério da Educação. Secretaria da Educação fundamental 3. ed. Brasília, 2001

PERRENOUD, Philippe. As Competências para ensinar no Século XXI. São Paulo: Artmed, 1999.

PORTO, Márcia. Mundo das Idéias: Um diálogo sobre os Gêneros Textuais. Curitiba: Aymará, 2009

RODRIGUES, Juciara. Motorista e Pedestre: passo a passo conquistando seu espaço. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1999.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. O Ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

VASCONCELOS, Eduardo Alcântara. Transporte Urbano, espaço e equidade: análise das políticas públicas. São Paulo: Anhamblume, 2001.

VIEIRA, Alice. O prazer do texto: perspectiva para o ensino de Literatura. São Paulo, EPU, 1989.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.